

BOURDIEU, P.; DARBEL, A. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Zouk, 2003.

A questão da educação no acesso às obras culturais: o amor pela arte é uma ironia?

Márcio Penna Côrte Real*

O livro de Pierre Bourdieu, *Amor pela arte*, aborda amplo processo de pesquisa – desenvolvido juntamente com o matemático Alain Darbel e com uma grande equipe de colaboradores – acerca das características do público que frequenta museus de arte na Europa. Darbel foi responsável pela elaboração de um modelo matemático através do qual se realizou a análise dos dados quantitativos dessa pesquisa, provenientes de um questionário aplicado a frequentadores de museus, em cinco países do continente europeu: Espanha, França, Grécia, Holanda e Polônia. *O Amor pela arte*, que teve sua primeira edição apresentada ao público em 1966, recebeu nova e ampliada edição, em 1969, na qual se baseia a primeira edição brasileira da editora Zouk, de 2003 (BOURDIEU; DARBEL, 2003).

A questão expressa acima visa ao anúncio de uma preocupação que acompanharia o sociólogo francês, Pierre Bourdieu, em várias de suas pesquisas e de seus escritos ao longo da vida:¹ existe correlação entre o nível

* Licenciado em Educação Artística, habilitação em Música, e mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria; doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina; professor de Artes/Música na graduação em Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação, ambos na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás; e no Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da Escola de Música e Artes Cênicas, da mesma universidade. E-mail: mpcortereal@yahoo.com.br.

1 Bourdieu viveu de 1930 a 2002 e, em sua trajetória intelectual, destaca-se sua atuação, ao final de sua vida, na prestigiosa instituição educacional francesa *Collège de France*, como titular da cadeira de Sociologia de 1981. Foi diretor da revista *Actes de la recherche en sciences sociales*. Publicou diversas obras, entre elas, *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

de instrução escolar de um agente ou grupo social e suas possibilidades de acesso às obras artísticas ou às práticas cultas, como a frequência aos museus de arte? – indaga-se Bourdieu. Isto é, ele se preocupa com a contradição reforçada no prefácio à obra em questão (edição de 2003), pelo professor Afrânio Mendes Catani: “Em *O amor pela arte*, Bourdieu pondera que os museus abrigam tesouros históricos que se encontram, ao mesmo tempo (e paradoxalmente), abertos a todos e interditados à maioria das pessoas” (CATANI, 2003, p. 9).

Neste caminho, a ideia de amor pela arte constitui uma ironia demonstrada ao longo do livro, segundo o qual, no amor pela arte, o coração se submete à razão – algo também próximo à leitura de Catani (2003). Ou seja, o sociólogo está a se perguntar, e, principalmente, a perguntar aos professores e às professoras e a todos aqueles e aquelas ligados à arte, se se pode ensinar a gostar de arte. E se “a inquietação relativa às características sociais ou culturais dos visitantes não seria uma forma de pressupor que estes possam estar separados por diferenças que nada têm a ver com aquelas criadas pela distribuição imprevisível dos dons” (BOURDIEU; DARBEL, 2003, p. 18).

Trata-se, então, de desvendar as dinâmicas sociais que possam contribuir para o acesso às obras de arte. Aparentemente, a ideia de amor pela arte pode soar como uma dádiva ou como um esforço individual, fruto da boa vontade cultural de certos agentes ou grupos sociais na relação que estabelecem com sua apreciação. Para Bourdieu, não. A questão da educação ou do capital cultural, em correlação com a posse de capital material, é definidora das possibilidades de acesso aos vários tipos de conhecimento, em particular, ao artístico.

Para responder às indagações feitas em sua pesquisa, os autores primam pela aplicação de um questionário aos frequentadores de museus nos cinco países anteriormente citados – especialmente grupos de turistas e de estudantes, em visitas orientadas a esses museus. As considerações provocadas pelo questionário representam uma contribuição para os pesquisadores e as pesquisadoras, em formação ou já formados(as), em suas reflexões sobre o modo como determinadas variáveis podem interferir na obtenção dos dados e na sua análise. A aplicação do questionário revela forte interferência da escolarização nos dados obtidos: nas visitas individuais ou de pequenos grupos, as respostas às perguntas tendem a demonstrar diferenças significativas de acordo com a escolarização dos indivíduos ou grupos. Certas questões

consideradas nobres, e outras, vulgares, ficaram sem resposta, como resultado, também, da interferência dos fatores escolarização e poder aquisitivo.

Entre as questões referentes aos motivos para as visitas aos museus, houve “uma abstenção maior por parte dos professores e dos especialistas em arte como se, através dessa atitude, eles pretendessem testemunhar que contestam a pertinência das questões e das repostas previstas no questionário” (BOURDIEU; DARBEL, 2003, p. 28). Nesse ponto, o dito comum “gosto não se discute” estende-se, ao que parece, para a compreensão de que arte não se discute. Não por acaso, constata-se no livro que o público típico dos museus é contrário à promoção de medidas educativas visando à ampliação do conhecimento das obras de arte abrigadas nessas instituições. É como se o culto sagrado de frequência aos museus não pudesse ser vulgarizado, ou seja, perder o ar de distinção atribuído às práticas consideradas cultas ou elevadas e que são objetos de distinção.

O livro é dividido em três partes: “Condições sociais da prática cultural” (p. 37-68); “Obras culturais e disposição culta” (p. 69-112); “Leis de difusão cultural” (p. 13-162). Na sequência, vem a “Conclusão” (p. 163); a “Cronologia das pesquisas efetuadas” (p. 171); e os “Apêndices”, que dão ênfase aos instrumentos de pesquisa utilizados (p. 173).

Na primeira parte, que procura revelar a gênese e a estrutura das disposições para com as obras culturais, há uma constatação cabal: “A frequência [aos] museus – que aumenta consideravelmente à medida que o nível de instrução é mais elevado – corresponde a um modo de ser, quase exclusivo, das classes cultas” (BOURDIEU; DARBEL, 2003, p. 37). Em que pesem as devidas considerações acerca do contexto investigado – os cinco países da Europa da década de 1960 –, a leitura de *O amor pela arte* sugere, ainda hoje, um cenário desanimador nas relações entre grupos sociais e a cultura artística ou o conhecimento de maneira geral. Desvelam-se aqui os mecanismos que explicam como o capital cultural vai, em circularidade, para o capital cultural, como herança que passa dos pais para os filhos e filhas. No âmbito das leis sociais de difusão da cultura, discutidas ao longo de todo o texto, a reflexão interessará a profissionais das ciências sociais e humanas em geral, mas, particularmente, a educadores e educadoras, uma vez que a escola ocupa papel central nesse jogo social:

A existência de uma relação tão forte entre o nível de instrução e a prática cultural não deve dissimular que, considerando os pressupostos implícitos que a comandam, a ação educativa do sistema escolar

tradicional só pode alcançar toda a sua eficácia enquanto se exercer sobre indivíduos previamente dotados, pela educação familiar, de uma certa familiaridade com o mundo da arte: daí, segue-se que a ação da Escola – exercida de forma bastante desigual (nem que fosse no que diz respeito à duração) sobre crianças oriundas das diferentes classes sociais e que não é bem-sucedida senão de forma bastante desigual junto àqueles que ela atinge – tende a reduplicar e consagrar, por suas sanções, as desigualdades iniciais diante da cultura. (BOURDIEU; DARBEL, 2003, p. 54).

Como diria Afrânio Mendes Catani (2003, p. 10), no prefácio da obra, nesta perspectiva, a escola transforma em desigualdades sociais as desigualdades na cultura ou nas oportunidades de acesso ao conhecimento. Dessa forma, o capital cultural, como disposição apreendida no seio da família ou inculcada na ação pedagógica escolar, é uma noção cara para Bourdieu em sua proposta de explicar como o conhecimento faz parte dos jogos de dominação e de reprodução no plano das relações sociais.

Adiante, na segunda parte do texto, é visto que, para a compreensão das obras de arte, seria necessária uma espécie de competência artística ou estética. Tal ideia parte da concepção de “necessidade cultural” como produto da ação educacional, advenha ela da família ou da escola: “as desigualdades diante das obras de cultura não passam de um aspecto das desigualdades diante da Escola que cria a ‘necessidade cultural’ e, ao mesmo tempo, oferece os meios para satisfazê-la” (BOURDIEU; DARBEL, 2003, p. 69). Portanto, a questão seria se a arte – sendo um conhecimento – poderia ser ensinada pela escola de forma a romper com a ideia de necessidade cultural como privilégio, despertando, assim, o interesse de um maior número de pessoas. Esta é uma questão fundamental não só para o sociólogo, mas também para artistas, educadoras e educadores, como já dito.

Para extinguir a noção de privilégio no sentido mencionado,

basta que a instituição escolar permita o funcionamento dos mecanismos objetivos de difusão cultural e se exima de trabalhar, sistematicamente, para fornecer a todos, na e pela própria mensagem pedagógica, os instrumentos que condicionam a recepção adequada da mensagem escolar [destinada a reduplicar] as desigualdades iniciais e, por suas sanções, a legitim[ar] a transmissão do capital cultural. (p. 11).

Em decorrência dessa reflexão, é questionado se a ação pedagógica escolar poderia promover a democratização do conhecimento de arte ou a

formação de um *habitus* cultural capaz de possibilitar o próprio amor pela arte.

Na terceira parte do livro, os autores se referem ao princípio da generalização no que toca ao sistema de causas que favorecem a recepção dos museus e das obras de arte. Para eles, as obras de arte constituem objetos codificados que requerem o desenvolvimento de competências para sua apropriação.

As leis que regem a recepção das obras de arte constituem um caso particular das leis da difusão cultural: seja qual for a natureza da mensagem, profecia religiosa, discurso político, imagem publicitária, objeto técnico, etc., a recepção depende de esquemas de percepção, de pensamento e de apreciação dos receptores, de modo que, em uma sociedade diferenciada, uma estreita relação se estabelece entre a natureza e a qualidade das informações fornecidas, por um lado, e, por outro, a estrutura do público. (p. 119).

Decorre daí que, ao menos inicialmente e dentro da análise levada a efeito por Bourdieu, Darbel e demais colaboradores, o amor pela arte diz respeito a um domínio formado por iniciados em um culto quase sagrado a ela. Afinal, “à semelhança da pregação religiosa, a pregação cultural só consegue reunir as condições de êxito quando se dirige a convertidos” (p. 137). O papel da escola diante disso seria tensionar, por meio de sua ação pedagógica, o monopólio de certas expressões da cultura por parte dos grupos dominantes.

Conclusivamente, trata-se de desvelar aquilo que Bourdieu chama “a verdade oculta do gosto culto”. Ou seja, de mostrar que, independente do processo educativo (dentro ou fora da escola), a arte é um conhecimento que se estuda e se apreende – ainda que, por fazer parte de jogos de distinção e das lutas por posições de poder entre os diferentes grupos sociais, o conhecimento artístico, por vezes, não seja acessível aos diferentes grupos sociais da mesma forma.

O amor pela arte revela ironicamente que a frequência aos museus é aberta a todos, mas essa liberdade de acesso é uma “liberdade factícia, já que a entrada franca é também entrada facultativa, reservada àqueles que, dotados da faculdade de se apropriarem das obras, têm o privilégio de usar dessa liberdade e que, por conseguinte, se encontram legitimados em seu privilégio” (p. 169).

Referências

BOURDIEU, P.; DARBEL, A. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Zouk, 2003.

BOURDIEU, P. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CATANI, A. M. Apresentação. In: BOURDIEU, P.; DARBEL, A. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Zouk, 2003. p. 7-11.